

EPISODIO SETE

NM/ON: Toda canção conta uma história. E essas 101 canções contam a história de um século do sentimento brasileiro. E de todos nós.

CABEÇA

NM/ON: Inspiração para casamentos e revoluções, para encontros e separações, trilha sonora da política e da crônica social, na alegria e na tristeza, a canção é um documento da identidade nacional. Ao longo de um século da nossa história, quando uma música tocou muito no rádio, na televisão, nas ruas e nas casas, tocou o coração do Brasil e se tornou a memória do sentimento coletivo que eternizou canções como uma obra prima do virtuosismo poético de Chico Buarque.

CONSTRUÇÃO, CHICO BUARQUE, 1971

Parceiro e discípulo de Tom Jobim, Chico Buarque também sentiu na pele a máxima do maestro de que sucesso no Brasil é ofensa pessoal. Já com sete discos lançadas e dezenas de grandes canções, ainda era visto por parte da crítica apenas como um continuador de Noel Rosa ou como um ótimo letrista que também fazia música. Marco divisor de sua carreira, o lançamento de “Construção”, de 1971, marcou a vitória do seu virtuosismo poético em uma composição de rigor matemático com permutações de palavras.

Música que deu nome ao disco, a densa e pesada Construção é uma engenhosa e sofisticada composição de estrutura matemática numa arquitetura de palavras que remete a João Cabral de Melo Neto. Montada com permutações de palavras-chave sobre uma marcação rítmica obsessiva e crescente, a música transporta o ouvinte para um canteiro de obras. Rimando palavras proparoxítonas ao fim de cada verso, cria um bate-estaca poético para anunciar a trágica morte do operário que tropeça no céu como se fosse música e morre na contramão atrapalhando o público.

Numa canção cinematográfica, com imagens dramáticas de um cotidiano massacrante, a letra construída por Chico dialoga com a estética da Poesia Concreta, desenvolvida pelos irmãos Haroldo e Augusto de Campos e por Décio Pignatari, que tanto influenciaram e apoiaram os tropicalistas. Fundamental para a potência da gravação foi a grandiosidade épica e ruidosa do arranjo tropicalista-concretista de Rogério Duprat. Grande maestro da vanguarda musical paulistana, ele teve papel fundamental nos trabalhos que Caetano, Gil e os Mutantes fizeram durante a Tropicália, no fim dos anos 1960.

Por seu caráter agressivo e suas batidas brutas e repetitivas, com o tempo, Construção e Deus lhe pague inspiraram versões elétricas, pesadas e ferozes de bandas de heavy metal com a Imago Mortis. Chico gostou.

No mesmo disco, mostrando sua evolução e amadurecimento musical e poético, Chico ainda apresentava músicas poderosas, como a irada “Deus lhe pague”, a opressiva “Cotidiano”, a belíssima “Olha, Maria” e o resistente “Samba de Orly”, mas foi a faixa-título que mais se destacou, apontando os caminhos para uma obra em permanente reconstrução.

NELSON (V) O amadurecimento de um artista não se mede apenas pela capacidade de unir poesia com crítica social. Da rebeldia inconsequente dos roqueezinhos para uma canção de separação antológica, Roberto e Erasmo Carlos mostravam sua evolução em detalhes.

DETALHES, ROBERTO E ERASMO CARLOS, 1971

Faixa de abertura e principal destaque do disco, lançado em 1971, esta balada devastadora funcionou como um ritmo de passagem da carreira de Roberto Carlos. Aos 30 anos, ele começava a deixar para trás o ídolo da Jovem Guarda para se transformar no maior romântico brasileiro. Sucesso popular imediato, até hoje no topo de lista mais pedidas pelo seu público e obrigatório em seus shows, “Detalhes” teve aprovação unânime da crítica, que na época ainda subavaliava a obra de Roberto e Erasmo.

A letra, em forma de list song, lembra que as boas lembranças de um amor antigo, mas ainda vivo, estão nos detalhes, como a velha calça desbotada, os erros do meu português ruim, o ronco barulhento do carro e o pacto de silêncio contido na advertência irônica: “não vá dizer meu nome para a pessoa errada”.

O cuidado com as palavras foi além dos segredos de alcova. Mesmo sabendo que tinha acabado de criar um clássico, Roberto implicou com a palavra “ronco”, por sua sonoridade bruta e possíveis significados pouco poéticos. Movido por seu lendário perfeccionismo, testou a letra com os amigos até entrar no estúdio, mas como ninguém estranhou, o motor continua roncando até hoje.

Roberto começou a compor “Detalhes” sozinho, numa noite de março de 1971, em São Paulo, onde vivia na época. No dia seguinte, ao ouvir o esboço que tinha gravado, percebeu que estava diante de alguma coisa maior. Animado e ansioso, sem querer perder tempo e o momento da inspiração, ligou logo cedo para Erasmo, no Rio, que pegou o primeiro voo e naquela mesma tarde terminaram a canção.

A inspiração e a intuição de Roberto não falharam. “Detalhes” nasceu clássica e arrebatadora, conquistando o público e lugar de destaque no disco que o Rei lançaria meses depois. Foi um de seus melhores discos. O repertório poderoso incluía uma composição que Caetano fez para ele, “Como dois e dois” e outras pérolas com Erasmo, como “Amada amante”, “Todos estão surdos” e “Debaixo

dos caracóis”, dedicada a Caetano, então exilado em Londres. Mas foi “Detalhes” que bateu mais forte. Valorizada por arranjo sofisticado do maestro americano Jimmy Wisner, a gravação de Detalhes lançou um modelo de canção que seria repetido a exaustão no Brasil, como uma velha calça desbotada ou coisa assim.

NELSON (V) As primeiras experiências com a black music dançante e pesada foram a porta de entrada para uma viagem sem volta. Cada vez, era preciso de mais grave, mais agudo, mais eco, mais retorno e mais tudo com a entrada de Tim Maia na música brasileira.

NÃO QUERO DINHEIRO (SÓ QUERO AMAR), TIM MAIA, 1971

Em crise no fim dos anos 1960, sufocada pelo endurecimento da ditadura, a música brasileira parecia ter chegado a um impasse criativo. Gilberto Gil, Caetano Velloso, Chico Buarque e Geraldo Vandré estavam fora do país. Depois de rachar a MPM, com sua proposta de liberdade e modernização, o Tropicalismo praticamente chegou ao fim, com o exílio de Gil e Caetano, sem ter sucesso popular. Incapaz de se converter num movimento, o rock brasileiro se resumia aos casos isolados de Rita Lee, Raul Seixas e Mutantes. É nesse vazio que surge o furacão Tim Maia.

Depois de cinco anos nos Estados Unidos, Sebastião Rodrigues Maia voltou ao Brasil com 23 anos e uma grande novidade: a combinação explosiva do funk, do soul e do R&B americanos com o samba e ritmos nordestinos. Sua alquimia musical mudou os rumos da música brasileira, que ficou mais alegre, mais suingada, mais romântica e mais negra.

Em 1968, Tim emplacou o seu primeiro sucesso, o funk raivoso “Não vou ficar” que foi um marco na carreira de Roberto Carlos. Um ano depois, começou a se tornar conhecido nacionalmente por seu sensacional dueto com Elis Regina em “These Are the Songs”, integrando o soul e a bossa nova. Contratado pela Philips em 1970, lançou seu primeiro LP, um arrasa-quarteirão que foi celebrado como a melhor novidade do ano graças a hits como “Azul da cor do mar” e “Coroné Antônio Bento”.

Mas, foi no seu segundo álbum, em 1971, que Tim Maia sedimentou de vez a original mistura com o clássico “Não quero dinheiro”. Construída sobre uma levada soul seca, que vai ganhando vigor e entusiasmo até explodir no refrão irresistível de quem ficou esperando a semana inteira para ver o seu amor sorrindo e cantando. Ao cantar o desapego, sem se desapegar da sofisticação sonora, Tim Maia sintetizou um novo gênero que conquistou imediato sucesso popular, influenciando novas gerações a aprofundar suas experiências. Nos anos 1990, “Não quero dinheiro” foi regravada com grande sucesso por Marisa Monte e Ivete Sangalo

NELSON (V) Quando um poeta maduro encontra um novo amor e vai morar na praia de Itapuã, o paraíso romântico inspira e refina a produção musical no encontro com um novo parceiro.

TARDE EM ITAPUÃ, 1971, TOQUINHO E VINÍCIUS

A partir dos afro-sambas que fez com Baden Powell no início dos anos 1960, o carioca mais preto do Brasil foi virando baiano. Cantando para os orixás, indo atrás das mandingas do amor, Vinícius de Moraes se mudou de mala e cuia para uma casa na praia de Itapuã com sua nova mulher, a bela baiana Gessy Gesse. A temporada de ócio criativo inspirou um dos seus maiores sucessos, na parceria com o violonista paulistano Toquinho, seu hóspede constante. A letra hedonista de “Tarde em Itapuã” é um autorretrato do artista maduro, curtindo a vida e o amor com um velho calção de banho.

Em maio de 1969, cinco meses após o decreto do AI-5, Vinícius foi aposentado de forma compulsória do Itamaraty e agradeceu. Com 56 anos, se livrou de vez dos ternos, dos formalismos e do protocolo da carreira diplomática para viver apenas da música e da boemia. Com o passar do tempo, continuou sendo um eterno adolescente em sua vida amorosa, largando tudo e se reinventando a cada nova paixão, das nove que resultaram em casamento.

Seu sétimo casamento com Gessy, 26 anos mais nova, o levou à Bahia e ao candomblé. A casa em Itapuã seria seu porto seguro enquanto não estivesse navegando pelos palcos. Na verdade, Vinícius pouco desfrutou da idílica Itapuã. A década final da vida do poeta foi de intensa atividade e muitas viagens, em boa parte, graças ao trabalho iniciado em 1970 com Toquinho, que foi o seu último parceiro fixo. Violonista virtuoso e compositor de talento, Toquinho virou seu fiel escudeiro em discos e shows de longo alcance, dos circuitos universitários no interior do Brasil aos clubes, bares e teatros de Argentina, Uruguai, Portugal e Itália

Em turnês na base de dois banquinhos e várias doses de uísque, Vinícius fez mais de mil shows até a sua morte em 1980. Sempre acompanhado da voz e do violão de Toquinho e de uma cantora, na maioria das vezes era Maria Creuza ou Marília Medalha. O casamento musical com Toquinho deixou mais de 100 canções, entre elas “A tonga da mironga do cabuletê”, “Regra três”, “Meu pai, oxalá” e “Testamento”. Inicialmente, Vinícius escreveu a letra para ser musicada por Dorival Caymmi, mas a preguiça do mestre deu o tempo que Toquinho precisava para conquistar definitivamente o parceiro.

NELSON (V) Longe da Bahia luminosa de Vinícius, os tempos eram sombrios para os jovens que botavam o pé na estrada sem rumo e sem certezas, sem saber dos amigos. Mas por maior que fosse a escuridão, a esperança se reunia numa esquina de Belo Horizonte.

NADA SERÁ COMO ANTES, MILTON NASCIMENTO E RONALDO BASTOS, 1971

A província e o mundo se cruzavam num quarteirão de Belo Horizonte, onde os jovens estavam plugados nas guitarras dos Beatles e nas raízes do Brasil profundo. Ao mesmo tempo que canta a inocência perdida, “Nada será como antes” tem a força mística de uma premonição. A música brasileira nunca mais foi a mesma depois que a canção de Milton Nascimento e Ronaldo Borges foi um dos muitos sucessos do histórico álbum duplo Clube na Esquina.

Uma reunião informal de amigos e talentos, sem planos, receitas ou restrições, que misturou samba, jazz, rock, bolero, abrindo uma riquíssima terceira via para a música brasileira.

Com sua pegada pop, “Nada será como antes”, revelava o amor de Milton e seus parceiros pelos Beatles e companhia, que eram execrados pelo fundamentalismo da MPB da época. A letra de Ronaldo refletia o turbulento momento político, com a repressão aterrorizando a juventude e o perigo escondido em cada esquina. Aos jovens insatisfeitos, havia a opção de pegar a estrada ou cair na clandestinidade e na luta armada.

Nada será como antes foi lançada sem maior repercussão em 1971, em gravação de Joyce, acompanhada do grupo A Tribo, formado por Nelson Angelo, Naná Vasconcellos, Toninho Horta e Novelli. E anos depois foi gravada por Elis Regina em levada pop.

O sucesso da música mostrou sua perfeita sintonia com o momento e logo a canção também começou a ser conhecida fora do Brasil. Inicialmente, entre músicos do jazz, que adoraram a versão para o inglês de Rene Vincent “Nothing will be as it was”, lançada no álbum Milton, gravado em Los Angeles, em 1976, ao lado de Wayne Shorter, Herbie Hancock, Hugo Fattoruso e Airto Moreira. Com a vocação para pegar a estrada, a música chegou cada vez mais longe, nas vozes de Sarah Vaughan, Flora Purim e Tânia Maria.

NELSON (V) Num momento seco e sombrio, o compositor soberano encontra a paz no meio da natureza e cria uma obra prima sobre os ciclos da vida e o anúncio de uma nova estação.

“ÁGUAS DE MARÇO”, Tom Jobim, 1972

No verão de 1972, com 45 anos, Tom Jobim morava em Los Angeles e se queixava de que a Bossa Nova tinha sido esquecida e de que suas músicas não tocavam mais no rádio. Estava bebendo muito e compondo pouco, quando, numa ida ao Brasil, voltou ao seu sítio perdido no meio do mato. (25”)

Entre pau e pedra, peroba do campo e o nó da madeira, a inspiração veio no meio da madrugada. Quando deu forma à música Tom acordou a família para anunciar o fim da seca e a enxurrada criativa. Eram as Águas de Março, trazendo no fim de cada ciclo a possibilidade do permanente recomeço. (23”)

SOBE SOM, TRECHO DA MÚSICA

Com sonoridade, ritmo e cadência notáveis, os versos fragmentados de “Águas de Março” garantem a Tom Jobim um lugar entre os nossos maiores letristas, além do músico soberano que sempre foi. Gravada pelo próprio Tom, “Águas de Março” foi lançada em maio de 1972, como a melhor notícia daquele verão, vendida nas bancas, encartada ao semanário Pasquim. (30”)

Mas o maior sucesso viria um ano depois, em dueto com Elis Regina e arranjo de Cesar Camargo Mariano, produzido por Aloysio de Oliveira em Los Angeles, que se tornou padrão de excelência na música brasileira, pela sua qualidade insuperável em todos os aspectos, técnico, melódico, harmonico, poético e vocal. (25”)

Grandes intérpretes do pop e do jazz, como Al Jarreau, Ella Fitzgerald, Dionne Warwick e Frank Sinatra, também se banharam nas “Waters of March”. Mas como muitos sucessos anteriores da bossa nova tinham sido destruídos na tradução para o inglês, Tom se encarregou de fazer ele mesmo a melhor versão da sua música. Fluente em inglês e no idioma universal do bom gosto, manteve as imagens originais e ainda se deu ao luxo de evitar palavras de raiz latina, privilegiando as anglo-saxônicas. (35”)

Com um arranjo pop de grande sucesso, a música correu o mundo como tema de uma campanha da Coca Cola nos anos 1980. No Brasil, as águas do ressentimento trouxeram uma enxurrada de críticas. Acusado pelas patrulhas da época de ter se vendido ao capitalismo ianque e outras sandices, Tom concluiu com a sentença definitiva: “no Brasil, sucesso é ofensa pessoal”.

NELSON (V) O samba, a jovem guarda e o rock pulsavam na voz rascante de um grande novo compositor no Morro de São Carlos, que fez sucesso com um estilo próprio de música e letra, e produziu pérolas que se tornaram clássicos.

PÉROLA NEGRA, LUIZ MELODIA, 1972

Cartão de visitas explosivo de um compositor até então inédito, “Pérola Negra” foi apresentada ao mundo durante a temporada carioca do show Fa-tal, Gal a todo vapor. Dirigido pelo poeta Waly Salomão, o show estreou em novembro de 1971 no Teatro Tereza Rachel e logo virou um disco duplo que continua sendo até hoje um dos melhores e mais influentes de Gal Costa. Entre sambas antológicos de Ismael Silva e Geraldo Pereira e canções de Caetano, Novos Baianos, Macalé & Waly, Roberto & Erasmo, chamou atenção aquele blues pesado e pungente, digno de uma Billy Holiday e da primeira exibição do seu autor, Luiz Melodia.

Transformada imediatamente em hino daquele louco verão de 1972, Pérola Negra se tornou em clássico para qualquer estação, revelando um dos nossos compositores mais talentosos e originais. A joia rara foi descoberta por Waly, pelo artista plástico Hélio Oiticica e pelo cineasta underground Ivan Cardoso em suas andanças pelas periferias cariocas. Era um jovem negro do morro de São Carlos, que cresceu ouvindo tanto o samba quanto a Jovem Guarda, tanto o forró quanto o rock, o blues e o soul. Fruto dessa formação sem preconceito, Pérola Negra abriu as portas da indústria do disco para Luiz Melodia, que naquele mesmo ano emplacou outra balada arrasadora, “Estácio, Holly Estácio”, na voz de Maria Bethânia.

Apesar da contribuição das grandes intérpretes, Luiz Melodia era um cantor com luz própria. A bela gravação de Gal foi um perfeito lançamento, mas “Pérola Negra” ganhou seu registro definitivo como canção título do disco de estreia de Melodia, em 1973. No lugar da roupagem roqueira de Gal, a versão do autor ganhou uma embalagem luxuosa de jazz e blues, em clima de big band. Um tratamento mais lírico, centrado na voz rascante e aveludada de Melodia. Pérola Negra é alusão ao nome de guerra de um travesti do morro do São Carlos. Mas a Pérola Negra da música brasileira é Luiz Melodia.

Do Morro do Estácio para a estação primeira, o lirismo do samba carioca fazia a beleza brotar das folhas secas. No próximo episódio, o reconhecimento tardio de Nelson Cavaquinho e o ritmo acelerado da explosão de Raul Seixas e do Maracatu atômico de Jorge Mautner. Completando uma década sob repressão e censura, De Chico Buarque a Cartola, compositores falavam de suas desilusões particulares e mexiam com as emoções coletivas.

ENCERRAMENTO

NM/ON: Na verdade, não existem as melhores canções, as mais bonitas ou as mais importantes, essas 101 que tocaram o coração do Brasil representam a qualidade e a diversidade de gênios e de gêneros na música brasileira, que fizeram delas a trilha sonora de nossa história. No próximo episódio, a batida diferente do violão de João Gilberto abre caminho para o fenômeno da bossa nova com o maestro soberano Tom Jobim e o poeta Vinicius de Moraes, que modernizaram e sofisticaram a música brasileira.